



CARTA

Estado Neoliberal: legitimidade e saúde

Neoliberal State: legitimacy and health

Fábio Luiz Quandt

Biólogo Sanitarista

Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva

Centro de Ciências da Saúde

Universidade Federal de Santa Catarina

Campus Universitário - Trindade

Florianópolis (SC) – CEP 88040-900

Fone: (48) 3721.9388

fabio.quandt@gmail.com

Nações onde o Estado soberano rege e modifica a sociedade sob seu domínio, conforme os nuances das disputas políticas, culturais e econômicas, galgam por um caminho de justiça, desenvolvimento e harmonia social sobre um pensamento único de poder. Para tanto, sob a luz de uma ideologia que o ilumina, o Estado vem a tomar as rédeas do bem público, com foco na produção da riqueza nacional, na redistribuição dos bens, na proteção e valorização do coletivo.

A legitimidade deste Estado sobre um povo pode ser tanto um pacto entre as partes da sociedade protegida, vigorando uma satisfação mútua, quanto pode ser uma imposição unilateral de cunho tirânico dos detentores do poder estatal, a contento de poucos. Sobre a importância de manter uma nação coesa em seus princípios de desenvolvimento, a saúde do indivíduo e coletivo é interpretada como ponto decisório na administração e planejamento dos passos a serem tomados pelo governo estatal. Passos que atravessam horizontes diferentes, mas não antagônicos, como: educação, trabalho, moradia, meio ambiente e lazer.

Desta forma, a saúde toma espaço na arena de disputas, tramitando em conselhos populares e colegiados políticos. O saber-fazer na saúde sofre, assim como toda a conjuntura estatal, influências no campo de debates daqueles que obtém voz. Esta voz não surge subitamente no anseio pelo objeto posto, mas é construída, pensada anteriormente, como em

um brados, os quais carregam em seu tom a vontade política, econômica e cultural, para a mudança ou manutenção do estado hegemônico.

No terreno dos fatos materiais do estado moderno, a política pública de saúde desenvolve-se em interface com o setor privado. Os sistemas de saúde, elaborados pelo mundo, universais ou segmentados, flutuam sobre a polaridade público-privado na produção e gestão dos serviços. Em meio a esse *modus operandi* fica a população e sua vida, cativos em um sistema saúde unânime, que lhe “ofertará” os cuidados.

A saúde pública, legitimada pela seguridade social do Estado democrático nacional, flui sobre processos normativos na intenção de organizar socialmente e politicamente a população sobre seu regime. Aplica, assim, conhecimentos científicos a fim de organizar os sistemas de saúde, controlando fatores condicionantes e determinantes no dinâmico processo saúde-doença, focado no ponto de vista epidemiológico, demográfico, sócio-econômico e cultural. Os serviços de saúde pública pleiteiam cuidados de diferentes níveis de atenção, indo da atenção primária a alta complexidade, das instituições básicas a hospitais especializados.

Todo esse arcabouço intervencionista do Estado moderno reflete a ideologia que se tem de construção social, sendo algo criado e não natural, ou seja, a saúde do indivíduo, da família, da comunidade, é organizada conforme o poder público vigente. Então,

a discussão sobre as ações e pactos de gestão na saúde coletiva pública recorrem ao debate politico-material-histórico das regulamentações que normatizam a atenção do cuidados no sistema único de saúde.

Passamos por um momento liquefação da moral e dos valores, onde a vida ocidental, erguida sobre padrões politicos-cientificos sólidos, se transformara numa vida precária, diluindo-se, sem que sejamos capazes de contê-la. Para tal aforismo o autor se baseia na pós-modernidade, ou melhor, no mal-estar da pós-modernidade, colocando a individualização, o consumismo, o efêmero da atual sociedade. Criticando desta forma o Estado moderno, centro da força de coesão dos cidadãos.

Influenciado pelo neoliberalismo, o Estado vigente atua na concepção de fornecer e organizar o espaço público isonômico sobre as singularidades da sociedade, não lhes impedindo a liberdade, mas a maneira de ser administrável. Isto é, a otimização gestora que o estado moderno cria, com a descentralização e regionalização das ações e cuidados, junto a flexibilidade estatal para com as complementariedades do setor privado, da o poder de escolha e execução para a instituição ou individuo dentro de um rol de possibilidades.

Deste modo, possibilitando a responsabilizando o individuo pela uso e execução dos objetos, ou seja, individualizando o sistema. O Estado cria espaços para instituições desvinculadas ao compromisso publico inserirem-se nas ações finalísticas da esfera publica, ao mesmo tempo que responsabiliza e culpabiliza estes pela não efetividade das ações. Assim, o Estado se omite da sua principal diretriz: a participação como promotor e gestor da organização publica, onde o poder estatal delega as ações, mas não garante o meio e cobra os resultados.

Como superestrutura vital, o liberalismo econômico tem que estar sempre em movimento para existir, o mercado deve permear todas os condicionantes sociais para se manter hegemônico e dar lucro para o sistema capitalista. Para tanto, o Estado deve ser mínimo na responsividade social, assim, quanto mais desengajado publicamente o Estado, melhor para o capitalismo fluir. Destarte, quando encontramos na saúde pública órgãos públicos comprometendo-se com entidades privadas, na compra ou gestão de serviços, evidenciamos a corporificação do neoliberalismo, não no ato em si, mas no pano de fundo que deu corpo ao ato. Pois a instituição privada pertence aqueles que nela investem, não aos empregados, fornecedores ou a

localidade em que se situa, assim, sua inserção, mais que uma ação local, pertence a uma globalização política, desrainzada das virtudes sociais humanas, descompromissada com a saúde dos individuos ou do coletivo, obstinada somente em dar aptidão aos mesmos, na manutenção do *estatus quo*.

Assim, fica uma reflexão: Há possibilidades para que qualquer aspecto ou instância do SUS possa vir ser efetiva em um panorama político-ideológico neoliberal e globalizante crescente como o que nos encontramos?